

## **O pensamento acadêmico diante da aceleração social do tempo presente: uma análise a partir de Harold Innis <sup>1</sup>**

Rodrigo Miranda Barbosa<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

### **RESUMO**

O presente artigo busca discutir o contexto de aceleração social conforme descrito por Hartmut Rosa e as consequências desse processo no fazer e no pensar científico. Para isso partimos para a apresentação do percurso teórico do economista político canadense Harold Innis. Innis, para se distanciar das respostas fáceis do seu contexto teórico epistemológico desenvolve uma defesa do pensamento científico e da universidade como local de resistência do processo aceleratório. Por fim, concluímos que Innis desenvolve seu posicionamento político em decorrência e também pelo estabelecimento e um conjunto teórico a partir dos vieses (*bias*) dos meios de comunicação e com isso abrindo a possibilidade de compreensão dos processos aceleratórios pelo olhar privilegiado dos meios de comunicação e suas funções sociais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Aceleração Social, Epistemologia da Comunicação, Harold Innis, Hartmut Rosa, Viés dos meios de comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

Que ouvimos e lemos em todos os lugares que o fluxo das coisas está mais rápido, mais acelerado e que temos cada vez menos tempo, é ponto pacífico e por isso naturalizado. Certos aspectos do âmbito social de fato se aceleram, mas há outros que também resistem ou até que desaceleram; bem como os que ainda não encontramos formas de acelerar.

Hartmut Rosa (2019) retrata o nosso contexto atual como um problema relacionado ao tempo, ao apontar um aprofundamento do processo de aceleração social. O tempo é, para Rosa, o traço fundamental para compreender a sociedade contemporânea por intermédio de uma análise histórica de suas modificações. É o tempo que permite dar sentido à experiência histórica que vivemos. Rosa (2019) divide sua explicação do processo de aceleração em três categorias: a aceleração da mudança social, aceleração tecnológica e aceleração dos ritmos de vida.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho - Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Professor do curso de Comunicação Social do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [rodrigo.mbarbosa@ufpe.br](mailto:rodrigo.mbarbosa@ufpe.br)

As três categorias funcionam muitas vezes de forma independente, pois, apesar de a aceleração tecnológica trazer a promessa de liberar mais tempo livre (já que precisamos de menos tempo para realizar certas tarefas), o que ocorre é um incremento do número de atividades por unidade do tempo acima de taxa de tempo livre que aceleração tecnológica consegue liberar.

Dessa forma, uma sociedade em processo de aceleração se desenvolve quando a aceleração tecnológica e a falta de tempo acontecem de forma simultânea. Isso também quer dizer que uma sociedade em aceleração não se dá de forma isolada pelo desenvolvimento de novas tecnologias que permitem realizar atividades em menos tempo. Isso ocorre nos mais diferentes setores da sociedade, como aponta Ari Maia na sua resenha do livro de Rosa:

Os sistemas sociais funcionais (leis, ciência, política, arte etc.) tornam-se cada vez mais complexos e diferenciados, e disso resulta uma maior contingência que, por sua vez, impõe uma experiência do tempo como perpétua mudança e aceleração. (2017, p. 126).

Sendo assim, a ciência, como um sistema social funcional, também é afetada pelo processo de aceleração, de uma perpétua mudança. As crescentes demandas por publicações, visibilidade e as possibilidades abertas pelos meios de comunicação são alguns indicativos dessa pressão no fazer das ciências. Diante do nosso cenário de aceleração social (que engloba a aceleração tecnológica, aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo de vida) como podemos realizar nossas investigações científicas? Como é possível estudar um presente que muda a todo instante? Como essa pressão da aceleração afeta o pensar científico desenvolvido nas universidades?

A pesquisa sobre aceleração social e seu impacto na academia já foi discutida por inúmeros trabalhos. A maioria deles debate os aspectos institucionais, o viés da pressão da aceleração nos próprios pesquisadores e a dinâmica da competição no mercado de trabalho acadêmico.

Os trabalhos que discutem os aspectos epistemológicos são mais raros. Libor Benda em *Inevitability, contingency, and the epistemic significance of time* (2021) é uma dessas produções que se dedica à discussão epistêmica. Ele traça os inúmeros trabalhos que lidam com os efeitos do processo temporal no fazer ciência e considera que a maioria se vale da distinção entre rápido *versus* devagar, através de inúmeras nomenclaturas próximas. E estes colocando, claramente, a aceleração redundando em efeitos

indesejáveis para a ciência. A exceção seria Vostal (2014, 2015), que apresenta conclusões mais ambivalentes sobre as consequências da aceleração, dizendo que estas seriam tanto estimulantes como prejudiciais para a produção do conhecimento científico.

A colonização da academia pela temporalidade da aceleração reforça que a aceleração é tida como indesejável nos processos do fazer ciência, pois a ciência teria como objetivo produzir um “conhecimento confiável e contribuir para o progresso científico”, de onde decorreria a sua contribuição social:

that is the ever-present perception of a genuine conflict between the externally forced changes within the structure of academic time on the one hand and academia’s fundamental goal of producing reliable knowledge and contributing to scientific (and thus social) progress on the other (Benda, 2021, p. 5).

Apesar das conclusões limitadas, o referido texto<sup>3</sup> chama a atenção para o problema da dicotomia entre rápido e devagar e apresenta a possibilidade de uma alternativa contingencialista no fazer ciência. O mais importante está em apontar que o processo de pressão temporal nas instâncias institucionais também tem impacto epistemológico, pois pode direcionar as pesquisas e as conclusões diante das restrições institucionais, prazos de entrega, riscos da experimentação científica, pressão por publicações, entre outros; afastando o(a) pesquisador(a) de outros processos.

Para a nossa discussão trazemos a problemática desenvolvida por Harold Innis (1894-1952) ao longo de sua carreira sobre a análise do presente e as pressões sobre o pensar científico. O cientista político econômico Harold Innis foi um dos principais intelectuais canadenses do seu período tendo influenciado investigações científicas, estabelecido associações científicas, representando o país em comissões internacionais e ajudado a estabelecer e direcionar investimentos em pesquisa através de relações estabelecidas com as principais fundações financiadoras, como foi o caso da Fundação Rockefeller.

Tal trajetória se deu em conjunto com uma defesa da universidade e da ciência contra as pressões do tempo presente e que se estabeleceu também em termos teóricos desde suas pesquisas mais voltadas para a economia política até o foco na infraestrutura

---

<sup>3</sup> Apesar da análise da situação da dicotomia entre rápido e devagar, Benda pouco propõe a partir das suas conclusões, no máximo que as temporalidades interferem no processo do fazer ciência.

comunicacional como forma de compreender a sociedade e desenvolvida de forma mais proeminente na sua última década de vida.

Nosso objetivo é discutir de que maneira Harold Innis estabelece uma análise do seu tempo presente que acaba reverberando em termos práticos em sua defesa a universidade e ciência e como tal empreendimento nos ajuda a entender o nosso tempo presente de uma aceleração social.

## HAROLD INNIS E A PRESSÃO AO PENSAMENTO CIENTÍFICO

Mas que tempo presente é esse que impede que seja possível desenvolver pesquisas com o arcabouço teórico e epistemológico que construímos ao longo dos séculos através da formação das disciplinas.

Durante os anos que se seguiram a quebra da bolsa de 1929 em Nova York e que ficou conhecido como a Grande Depressão muitos procuravam soluções rápidas e fáceis para os problemas sociais desencadeados.

A demanda por soluções aos problemas sociais afetou diretamente a universidade. O cientista social ganhou prestígio, mas ao mesmo tempo uma pressão para dar soluções aos problemas do presente. Diante disso Innis agiu de forma veemente nas discussões sobre o futuro das ciências sociais.

Em 1935, E. J. Urwick então diretor do departamento de Innis na Universidade de Toronto escreveu “The Role of Intelligence in the Social Process” (1935) para a primeira edição da *Canadian Journal of Economics and Political Science*. Urwick argumentava que a objetividade nas ciências sociais era irrealizável uma vez que era impossível separar o cientista social da sociedade a qual ele deveria estudar.

Os apontamentos de Urwick, segundo Watson, afetaram profundamente Innis e a sua preocupação com o viés-tendência (*bias*) se tornou uma preocupação para o resto da sua vida. (2006, p. 167). Em alguns meses depois na mesma revista Innis respondeu as preocupações de Urwick com “The Role of Intelligence: Some Further Notes” (1935). As soluções dadas por Innis ao problema do viés da ciência são diversas. A primeira era a tentativa de diminuir as situações em que o cientista social fica sob a pressão de setores como o político, religioso e financeiro.

Para Innis, o cientista social estava a mercê de diversas influências, mas ele também deveria agir para se afastar dessas influências. Uma dessas influências era a

forma de financiamento da pesquisa científica e a tendência do pesquisador querer satisfazer o financiador de sua pesquisa. O cientista social, na opinião de Innis, também não deveria trabalhar diretamente no governo, pois estaria à mercê da influência das instituições e políticos, assim como não deveria estar ligado a instituições religiosas (SPRY, 1999, p. 106).

Um grande número de cientistas sociais tem se interessado em organizações eclesiais se não as políticas e tornaram-se cientistas sociais por causa de sua crença na possibilidade de alcançar seus objetivos de forma mais eficaz. Objetivos são mais perigosos do que os políticos e é fatal para tentar um estudo da sociedade, com vistas definitivas quanto à direção que a sociedade deve tomar. O viés de controle ou planejamento surge, em parte, diretamente a partir deste fundo. (INNIS, 1935, p. 281-282)

As preocupações de Innis com as organizações políticas e religiosas não ficaram restritas aos seus próprios projetos, pois se espalharam como um projeto político em todo tipo de organização em que ele se envolveu, com destaque para a *Canadian Social Science Research Council* onde ele tentou influenciar a organização a manter um alto padrão acadêmico e com independência política, religiosa e financeira.

Innis acreditava que a Universidade deveria ser um lugar capaz de proteger os cientistas das pressões por respostas fáceis e da influência de outros setores sociais. A Universidade não deveria ser exclusivamente uma máquina para treinar mão de obra para as empresas e deveria ser capaz de promover um ambiente capaz de fomentar a independência do pesquisador em relação à sociedade.

Mesmo após responder Urwick diretamente em 1935, a preocupação com o tema ainda estava longe estar encerrada para Innis e no ano seguinte ele publicou “Discussion in the Social Sciences” (1936). Nesse texto aparece um dos apontamentos de Watson dizendo que Innis começou a criticar a própria noção dos debates e a utilidade deles para as ciências sociais. Segundo Watson, sabendo que havia perdido o debate Innis tomou uma posição impopular, de considerar que certas discussões como uma tirania da fala, e não uma forma de avanço das ciências sociais. “Numa época em que o violento anti-intelectualismo da direita estava no auge, ele começou a ver esses debates como uma ameaça para o avanço das ciências sociais, caracterizando-as como uma tirania da fala.” (2006, p. 167)

Innis diz que apesar de todo mundo já considerar garantido a liberdade da discussão, ele considerava que por vezes isso levava a discussões rasas, com análises de curto-prazo. O conceito de “discussão” mudou com o industrialismo e as possibilidades de discussão aumentaram consideravelmente, mas não sem o seu revés. Ao mesmo tempo, a liberdade de expressão apoiada no *Bill of Rights* nos EUA fez com que os jornais em conjunto com a publicidade tivessem um monopólio do conhecimento a partir de uma ênfase obsessiva com o espaço e dessa forma fomentando e estabelecendo uma obsessão pelo presente que ele denominou de *present-mindedness*. Essa influência estava afetando não só a opinião pública, mas diretamente a universidade e dessa forma, Innis percebia que o problema da discussão nas ciências sociais também era o problema da mecanização do conhecimento, principalmente pela indústria da imprensa. Innis começou a desenvolver a tese de que certos meios de comunicação poderiam ter um viés (*bias*) mais enfático para o tempo ou para o espaço e o uso extensivo desses meios favoreciam certas instituições. Na sua análise, o tempo presente indicava que os meios espaciais estavam dominando o contexto social em detrimento dos meios temporais e com isso um favorecimento a instituições de foco espacial.

Para Innis, a solução era reforçar o tempo da universidade, e de outras instituições enviesadas para o tempo, como um freio a ditadura do presente, e que podemos relacionar com o processo aceleratório do nosso cenário contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- INNIS, H. A.. “Discussion in the Social Sciences”, In **Dalhousie Review**, 15, 1936, p. 401-413.
- INNIS, H. A.. “The role of intelligence: some further notes”, In **The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Économique et de Science politique**, Vol. 1, No. 2 (May, 1935), 1935. pp. 280-287.
- MAIA, Ari Fernando. Resenha: Aceleração: reflexões sobre o tempo na cultura digital. **Impulso**, v. 27, n. 69, p. 121–131, 31 out. 2017.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SPRY, Irene. “Economic history and economic theory: Innis' insights”. In ACLAND, Charles; BUXTON, William (Eds.), **Harold Innis in the new century: Reflections and refractions** (pp. 105-113). Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press. 1999.
- URWICK, E. J. (1935) “The role of intelligence in the social process”, **The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Économique et de Science politique**, Vol. 1, No. 1 (Feb., 1935), pp. 64-76
- VOSTAL, F.. Academic life in the fast lane: the experience of time and speed in British Academia. **Time & Society** 24(1): 71–95. 2014.
- VOSTAL, F.. Speed kills, speed thrills: constraining and enabling accelerations in academic work-life. **Globalization, Societies and Education** 13(3): 295–314. 2015.
- WATSON, Alexander John. **Marginal Man: The Dark Vision of Harold Innis**. University of Toronto Press. 2006.